



## RESENHA

**HORTMANN, Carlos. *Ideologia do Totalitarismo: as armadilhas do como se fosse*. Recife: Editora Ruptura, 2022.**

*Marcos Antonio da Silva Filho (UFPE)*

O livro de Hortmann visa pensar criticamente o conceito de totalitarismo para expô-lo como uma arma teórica liberal-capitalista forjada durante a Guerra Fria. Esse conceito-armadilha, segundo Hortmann, hoje em dia se espalha muito além da academia, consagrado pelo já clássico “Origens do Totalitarismo”, de Hannah Arendt. O conceito de totalitarismo pode ser encontrado, com efeito, na grande mídia, na indústria do entretenimento, nos debates eleitorais e em algumas discussões acaloradas de nosso cotidiano. Hortmann defende que esse conceito é uma noção mobilizada e financiada pelo alto comando do capitalismo nas últimas décadas para aproximar o comunismo e o nazismo.

Como consequência dessa falsa simetria, Hortmann sustenta que a natural associação histórico-filosófica entre fenômenos fascistas e o desenvolvimento do colonialismo capitalista se perde. Isso é curioso, uma vez que a estrutura de classes da sociedade capitalista permaneceu intocável pelos regimes nazifascistas enquanto o lucro e o domínio de grandes empresas se aprofundou, nos lembra Hortmann (p. 119).

Os fenômenos do nazifascismo não são estranhos ou externos à sociedade capitalista. Ao contrário, afirma Hortmann: “Arendt procurou em todo o ‘famoso’ terceiro capítulo das *Origens* ocultar a inseparabilidade entre o capitalismo e nazifascismo com a finalidade de produzir uma artificial equiparação entre nazismo e comunismo (URSS) – como se fossem irmãos gêmeos (...) Não foi engano ou uma falha por parte da autora, mas uma escolha política que teve implicações filosóficas ao produzir uma ideologia que procurava legitimar, justificar e naturalizar a democracia liberal-capitalista como a negação do totalitarismo, encobrindo, no entanto, o próprio colonialismo liberal-capitalista e sua ideologia racista como elementos constitutivos das estruturas da sociedade capitalista nas suas diversas faces: imperialista, neocolonial e neoliberal (p.138)”.

Nessa interpretação, a propaganda do pensamento liberal identifica o socialismo de Stalin como análogo ao nazismo de Hitler e ao fascismo de Mussolini. Essa associação foi construída e consolidada pela produção acadêmica em volta do conceito de totalitarismo da seguinte forma: a democracia liberal é identificada como *a* democracia e outros regimes seriam, em contraste, apenas variações de regimes totalitários. Nesses termos, afirma Hortmann, seu livro visa também “explicar por que o anticomunismo parece ter mais força na discussão pública que o antifascismo.” (p.19) A explicação passa, segundo o autor, pela compreensão de que o antitotalitarismo se tornou sinônimo de anticomunismo, uma vez que o totalitarismo de Arendt se torna uma arma ideológica da luta política internacional.

O livro de Hortmann defende, então, que haveria um esforço artificial de inventar uma relação de identidade ou paralelismo entre nazismo e comunismo com a finalidade de colaborar com a ideologia dominante do Ocidente liberal-capitalista. Do ponto de vista da luta de classes internacional na Guerra Fria e até hoje, o autor questiona quem se favorece com essa falsa semelhança. Hortmann pretende então desvelar o que está encoberto em alguns argumentos de Arendt, a saber, “o modo artificial como Arendt seleciona ou descarta os fatos e acontecimentos históricos que contrariam o seu intento ideológico de igualar a União Soviética e o terceiro Reich” (p. 134).

Como Losurdo, Hortmann advoga que o contraste não deve ser feito a partir da noção de partido único, ou da presença de um líder carismático, mas a partir da existência de uma política colonial, supremacista e racista. Existe uma mudança metodológica central na obra de Arendt. A primeira parte do "Origens", segundo o autor, não se perderia com a falsa assimetria entre comunismo e nazismo e estaria na pista certa ao investigar a inspiração de técnicas supremacistas de *apartheid* e eugenia nas colônias britânicas, por exemplo, aproximadas a experiências fascistas.

Com efeito, intelectuais liberais fazem oposição entre a liberdade do indivíduo sendo ameaçada pelo totalitarismo autoritário, mas não se poderia negligenciar a relação entre genocídio de povos originários, a escravidão de milhões de africanos, o imenso lucro de grandes capitalistas e donos de escravos legislando sobre igualdade e liberdade. “Liberdade para quem?” é a pergunta de Hortmann. A liberdade de alguns, se tiverem propriedade privada, parece ser a de oprimir outros. O socialista não traçará a diferença entre regimes pelo líder único, popular e partido único. Há uma linha que liga diretamente as experiências coloniais ao imperialismo e ao nazismo. O nazismo é o colonialismo aplicado na Europa entre europeus. As técnicas supremacistas, eurocentristas, racistas, eugenistas e genocidas de ameríndios são constitutivas do processo de formação colonial e acumulação de capital, defendem comunistas. O nazismo estaria intrinsecamente ligado a potências coloniais. Hortmann afirma que “Toda a experiência de expropriação, exploração, escravização, assassinato em massa e apagamento cultural dos povos originários das colônias será transposto (de forma mediada), com as devidas particularidades e

especificidades para o continente europeu. A ideologia racista da modernidade é a forma (mediadora) de dominação que procurou racionalizar, legitimar, justificar e naturalizar essa realidade referida enormemente nas colônias europeias e nipônicas” (p. 101).

Dessa forma, também afirma Hortmann: “Arendt parece ocultar o caráter ontologicamente desumanizador que foi e ainda é a ideologia racista no processo de colonização europeia, pois, se ela apontasse para tal como elemento essencial das formulações racistas, antissemitas e eugenistas do Terceiro Reich, não conseguiria igualar os nazistas e os soviéticos” (p.124).

Há, portanto, uma redefinição do antitotalitarismo como sinônimo de anticomunismo no decorrer da Guerra Fria, em um caminho já iniciado em 1939 com o reconhecimento acadêmico do conceito. Por conseguinte, afirma Hortmann: “há um esforço colossal por parte dos intelectuais associados ao liberal-capitalismo no desenrolar dos pós-guerras, cujo objetivo era homogeneizar o termo/categoria em análise e colar no inimigo o rótulo de regime totalitário em oposição à democracia liberal capitalista” (p. 105).

Um ponto positivo do livro é que ele também traz uma crítica perspicaz das ciências políticas. Hortmann critica especialmente a sua pretensa neutralidade na abordagem da política em uma investigação (pretensamente) pós-ideológica. Isto motivaria uma perspectiva pouco crítica da imagem da ferradura, a teoria que aproxima nazismo e fascismo, que defende, enfim, que os extremos não seriam tão distantes assim. Neste sentido, é curioso que a expressão "teoria da ferradura" apareça de maneira muito marginal no livro, mas seja usada em seu belo projeto gráfico de capa.

Outro ponto muito interessante é a crítica ao conceito de “país em desenvolvimento”. Esse termo vende a falsa ideia de que todos podem ser desenvolvidos, ou ricos juntos; a falsa ideia de que o sistema capitalista suporta que todos sejam desenvolvidos ao mesmo tempo, mascarando o fato histórico de que o “desenvolvimento” dos países ricos é, na verdade, sinônimo de ser colonizador e explorador de outros países e povos. Para se ter um país rico, há muitos países pobres ou miseráveis sendo explorados.

Contudo, acredito que ainda falte um argumento para que o fenômeno apontado por Hortmann e outros comunistas não seja uma mera correlação contingente. Com efeito, ainda é preciso mostrar que o racismo e o colonialismo são constitutivos do capitalismo e não apenas acidentes. Se for acidental, ou seja, não constitutivo, um liberal poderia facilmente defender, como de fato defende, que o sistema capitalista pode ser melhorado e humanizado, assim como um socialista pode defender que o autoritarismo não é parte constitutiva de regimes socialistas, mas algo acidental, e futuras e melhores experiências socialistas podem aprender com isso e se desenvolverem.

Outro ponto problemático do livro de Hortmann é uma imensa desproporção nas citações e menções. Há vários teóricos marxistas sendo trabalhados, mas poucos teóricos arendtianos de fato são mencionados, com ou sem cuidado. De certa forma, como na gíria do futebol, Hortmann está jogando em casa, ou falando para convertidos.

A primeira parte do texto de Hortmann nos diz muito pouco para seu ponto principal na segunda parte. A primeira parte do livro me pareceu mais uma longa digressão acadêmica sobre marxismo do século XX; um trabalho acadêmico, em uma acepção ruim do termo, sobre marxismo hegeliano com ênfase nas obscuras discussões de Lukács. Estas não parecem ser retomadas na parte principal do livro sobre a crítica ao conceito arendtiano de totalitarismo. Por que começar o livro se dedicando tão pormenorizadamente à interpretação de Lukács de Hegel, se essa não é explicitamente mobilizada de maneira central na segunda parte, e principal, do livro? O hermético “sentido ontológico do ser”, se não desaparece na segunda parte do livro, perde a centralidade no texto. O autor parece notar isso quando, na página 70, quase na metade do livro, depois de uma longa introdução sobre a ideologia e a ontologia de Lukács e Hegel, ele afirma: “Tal questão pode parecer distante do nosso objeto de investigação – o totalitarismo enquanto ideologia, mas já antecipamos que será determinante”.

Outro ponto que me chama atenção é que a crítica que Hortmann faz à pós-modernidade parece abordar de maneira muito conservadora e, às vezes, ingênua, a noção de realidade e fato histórico. Tenho minhas dúvidas se a dicotomia aparência/essência pode ser útil para explicar fenômenos sociais complexos contemporâneos, como quando afirma: “Procuramos demarcar com muito rigor e precisão, por vezes, repetidamente, a necessidade de se analisar os fenômenos sócio-históricos levando em conta o que nos “aparece”, mas também a sua essência, no sentido de identificar o que estrutura de forma substantiva uma determinada realidade social” (p. 188).

Me atrevo também a perguntar o que há de realmente novo no livro de Hortmann em comparação com as críticas de Losurdo à perspectiva de Arendt. Acredito que deveria o livro de Hortmann deveria ter sido escrito também para prevenir a impressão do leitor, ao final, de que o seu livro é apenas um comentário (um excelente comentário, mas ainda apenas um comentário) da visão losurdiana.

Apesar desses pontos, o livro de Hortmann é muito bem-vindo e espero poder ler mais de seus esclarecedores e polêmicos trabalhos no futuro.